

Rasgo Coletivo: imagens dos atravessamentos entre Arte e Saúde Coletiva no Projeto Vidas Paralelas Migrantes

Collective Rip: images of crossings between Art and Public Health in Migrants Parallel Lives Project

Rasgo Colectivo: imágenes de los atravesamientos entre Arte y Salud Colectiva en el Proyecto Vidas Paralelas Migrantes

Claudia Washington¹

RESUMO: Parte da pesquisa de doutorado “Rasgo: a arte de engendrar espaços” foi realizada na França, vinculada ao Projeto Vidas Paralelas Migrantes: Perspectivas Brasil-França (PVPM), coordenado pelo Laboratório de Saúde Indígena e do Trabalhador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília. A pesquisa interdisciplinar entre Arte e Saúde Coletiva, através de produções imagéticas realizadas na França por migrantes, apontou para o rasgo como um procedimento comum às duas disciplinas, *a priori* distantes. O rasgo é um procedimento em arte que se caracteriza por um movimento de atravessamento de limites para a criação de espaços, enquanto a metodologia do PVPM busca, entre outros objetivos, a produção de saberes e a transposição de obstáculos. Essa é também a atitude do migrante frente a fronteira, seu objetivo é ultrapassá-la. Se pensarmos que os sistemas estéticos e políticos dominantes de produção e distribuição massiva de imagens de migrantes são um limite à pluralidade identitária, de que maneira as práticas de produção coletiva de imagens do PVPM colaboram para a dissolução desse limite? Nosso objetivo é demonstrar como as imagens produzidas nos atravessamentos entre Arte e Saúde Coletiva no Projeto Vidas Paralelas Migrantes rasgam os sistemas de homogeneização identitária.

Palavras-chave: Arte; Saúde Coletiva; Migração; Rasgo.

ABSTRACT: Part of the doctoral research “Rasgo: a arte de engendrar espaços” was held in France, ¹ Doutora em Poéticas Contemporâneas (UnB), com estágio doutoral no laboratório d’Éthique Médicale et de Médecine Légale (Paris 5, França), mestre em Processos Artísticos (UDESC), especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea (EMBAP) e graduada em Educação Artística (UFPR).

linked to the Parallel Lives Project Migrant: Perspectives Brazil - France (PVPM), coordinated by the Indigenous and the Worker Health Laboratory of the Program of Post-graduation in Collective Health, University of Brasilia. The interdisciplinary research between Art and Collective Health through imagery produced in France by migrants, pointed to the rip as a common procedure to the two disciplines, distant *a priori*. The rip is an art procedure that is characterized by a movement of crossing of limits for the creation of spaces, while the methodology of the PVPM seeks, among other objectives, the production of knowledge and the transposition of obstacles. This is also the migrant's attitude towards the frontier, his goal is to overcome it. If we think that the dominant aesthetic and political systems of mass production and distribution of images of migrants are a limit to identity plurality, how do the practices of collective image production of the PVPM collaborate to dissolve this limit? Our objective is to demonstrate how the images produced in the crossings between Art and Collective Health in the Project Migrant Parallel Lives rip the systems of homogenization of identity.

Keywords: Art; Collective Health; Migration; Rip.

RESUMEN: Parte de la investigación doctoral “Rasgo: a arte de engendrar espaços” se llevó a cabo en Francia, vinculada al Proyecto Vidas Paralelas Migrante: Perspectivas Brasil - Francia (PVPM), coordinada por el Laboratorio de Salud Indígena y Obrera del Programa de Postgrado en Salud Colectiva, Universidad de Brasilia. La investigación interdisciplinaria entre Arte y Salud Colectiva a través de imágenes producidas en Francia por migrantes, apuntó a la rasgadura como un procedimiento común a las dos disciplinas, distante *a priori*. La rasgadura es un procedimiento de arte que se caracteriza por un movimiento de cruce de límites para la creación de espacios, mientras que la metodología del PVPM busca, entre otros objetivos, la producción de conocimiento y la transposición de obstáculos. Esta es también la actitud del migrante hacia la frontera, su objetivo es superarla. Si pensamos que los sistemas estéticos y políticos dominantes de la producción en masa y la distribución de imágenes de los migrantes son un límite a la pluralidad de identidad, ¿cómo colaboran las prácticas de producción colectiva de imagen del PVPM para disolver este límite? Nuestro objetivo es demostrar cómo las imágenes producidas en los cruces entre Arte y Salud Colectiva en el Proyecto Vidas Paralelas Migrantes rasgan los sistemas de homogeneización de identidad.

Palabras claves: Arte; Salud Pública; Migración; Rasgadura.

INTRODUÇÃO

Parte da pesquisa de doutorado “Rasgo: a arte de engendrar espaços”² foi realizada na França, vinculada ao Projeto Vidas Paralelas Migrantes: Perspectivas Brasil-França (PVPM), no contexto do programa CAPES-COFECUB, que objetiva intercâmbio científico, mobilidade de pesquisadores entre Instituições de Ensino Superior do Brasil e da França e formação de recursos humanos de alto nível nos dois países.

² Realizada no Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, sob orientação da professora doutora Maria Beatriz de Medeiros em 2019.

Essa pesquisa de doutorado trata o rasgo como procedimento em arte. A ação de rasgar é uma forma de desestabilizar espaços em rede ou véu, ou seja, espaços caracterizados pela tautologia, pelo controle das subjetividades e pela clausura. Rasgar é uma das ações mais elementares em resposta aos limites. Para rasgar os véus que delimitam os espaços, pode-se impingir forças contraditórias ou fricções intencionais e frequentes sobre eles. E assim, talvez, engendrar vazios no cotidiano encouraçado, a fim de sondar e penetrar esses espaços. A arte rasga a rede rija que confina a vida, cria passagens, vias de transporte, outras paisagens. A ação de rasgar tem capacidade de alterar a vida, nos desestabiliza, para rasgar é preciso mover. Mover com o corpo inteiro. Um rasgo coletivo sugere que o rasgar pode ser um processo que implica duas ou mais pessoas numa ação intencional, num movimento de rompimento com a superfície das coisas, de atravessar limites, de rasgar fronteiras.

O PVPM, coordenado pelo Laboratório de Saúde Indígena e do Trabalhador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília, “tem como objeto central o estudo do cotidiano de vida, cultura e trabalho dos sujeitos migrantes – com intuito de compreender as dimensões sociais, culturais e políticas da vida dos mesmos”¹. Esse objetivo é articulado ao uso expressões imagéticas como instrumento de pesquisa, reflexão e desenvolvimento de ações nas realidades locais, “através de uma metodologia que prevê, entre outras etapas, o compartilhamento de expressões imagéticas para a produção de saberes e a transposição de obstáculos”². A metodologia do PVPM tem como um dos eixos teóricos a criação de espaços de “experiência poética”³ para a construção de cenários coletivos que visam o compartilhamento de experiências sensíveis entre a imagem e as pessoas.

Todos os anos, milhões de pessoas transpõem fronteiras para a alteração das suas condições existenciais e estabelecem o movimento mundial de migração, uma ação coletiva na qual os envolvidos experimentaram ou compreenderam de certa forma a “*aisthesis*”⁴ do “desterritorializado”⁵. Constituir-se, definir-se e desterritorializar-se são processos de rompimento com os encaixes totalizantes, em que há uma certa suspensão do sentido, um atravessamento à ordem “normal” das coisas, uma repetição contrariante, potencial vetor de subjetivação e singularização que surge da experimentação sensível do migrante. Rupturas de toda ordem aparecem nesse espaço, assim como os atravessamentos. Esse espaço remete ao mito do estrangeiro, cujo estatuto é a barbárie⁶, pois é do paisano o poder de decidir se abrirá ou não suas portas, é a ele que se outorga o poder sobre o ir e vir dos corpos.

Transpor obstáculos é prioritariamente a ação daquele que migra, daquele que engendra espaços em sua vida. Há rasgos nesse movimento, surgem vazios e outros véus. A migração como forma de rasgo marca a vida e o mundo. Talvez, ao migrar, vivamos o paradoxo de que para ser é preciso deixar de ser. O vazio é o espaço de ser. O vazio é o resultado do rasgo. O rasgo é a parte visível e compreensível desse espaço não sabido, instável. O migrante rasga e vai ao desconhecido. Esse

vazio, essa falta, seria o *eidos* humano para Bernard Stiegler⁷. Para o autor, falta é técnica, ficção, possibilidade de se reinventar.

Essa reinvenção enfrenta barreiras imagéticas, como a superexposição de migrantes em condições degradantes em Porte de la Chapelle, onde pessoas dormem e defecam pelas calçadas ao lado de centros de atendimento abarrotados de migrantes; ou a estigmatização do perfil do migrante, através da disseminação de fotografias dos barcos abarrotados de jovens homens negros tentando atravessar o Mediterrâneo. Essa superexposição e disseminação de imagens do migrante contrasta com a necessidade dos *sans papiers*³, de permanecerem anônimos por temor à perseguição. O medo da violência policial é constante nos relatos dos migrantes. Outro domínio da exploração da imagem do migrante se apresenta na investigação de marcas no corpo, esta tem um lugar importante no sistema judicial francês e se aplica para provar a “compatibilidade entre o relato individual e os traços de violência vividos (...), com o objetivo de justificar ou não a concessão de uma autorização de residência”⁸. As marcas do corpo rasgado são analisadas com o auxílio de banco de imagens que relacionam cicatrizes à origem dos ferimentos, buscando diferenciar as resultantes da violência física das práticas de marcar o corpo em povos africanos, por exemplo. Uma cicatriz pode ser lida, e isso implica numa estética e numa política, na regulação de sistemas de formas *a priori* determinados onde são definidas competências, qualidades e propriedades do que é visto e dito, do tempo e do espaço².

Portanto, não há contraste, mas complementaridade entre a alta produção de imagens e a espetacularização do cotidiano e a dificuldade em gerar uma imagem própria frente à sociedade francesa. Não ser percebido é uma estratégia de continuar sobre o território. As leis nacionais desenham perfis que devem ser alcançados, para permanecer é preciso dissimular-se em estratégias de aparência, roupas, vocabulário, costumes cotidianos, histórias de vida e memórias pessoais, tudo se transforma em função desse outro espaço composto de vazios e armadilhas, alguns até extirpam suas digitais para não serem identificados. Relatos de tortura fluem pelas memórias e passam a compor um corpo coletivo partido. Simular é inventar e aparentar.

As formas de tratamento da imagem citadas condizem com um sistema que produz e interpreta a imagem do migrante a partir de pressupostos estéticos e políticos dominantes. A prática com imagens que nos propomos apresentar está em contraposição a tais formas. Nesse sentido, tratamos de uma produção imagética que leva em consideração e está em transformação frente a outros sistemas de formas. Com o objetivo de produzir um espaço do “comum sensível”, essa prática rasga os limites dos sistemas definidos. É assim que trabalha a arte e é isso que o PVPM propõe com seus espaços de partilha, ao convidar pessoas que passaram pela migração para definir em imagens seu percurso e a si mesmas.

3 Pessoas estrangeiras que vivem na França sem autorização de residência, o termo surgiu dos próprios estrangeiros para denunciar sua situação. O termo se generalizou a partir dos anos 1970.

Assim, trataremos do rasgo gerado pelos atravessamentos entre arte e saúde coletiva no PVPM, através de produções imagéticas coletivas realizadas na França entre 2017 e 2018 por migrantes. Mas, por que tratar desse assunto em termos de rasgo? Pensamos que as características do rasgo enquanto procedimento em arte se aproximam dos efeitos gerados pelos processos de produção e pelas imagens realizadas no PVPM. Por meio do rasgo, podemos vislumbrar uma forma de atuação propositiva, intencional e transformadora. Num contexto onde emergem urgências advindas da violência, da pobreza, das guerras, pesquisar o rasgo enquanto proposição coletiva de arte e saúde é posicionar a arte no campo dos embates, pelo impulso libertário que lhe é próprio, mas, também, identificar na saúde o papel da criação de espaços de partilha, de reconhecimento mútuo para a emancipação estética.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa em arte desenvolvida dentro do PVPM⁴ parte da realização da Oficinas Direitos Humanos e Fotografia do Projeto Vidas Paralelas (PVP), que fazem uso da metodologia de análise de imagem² e de outras ações relacionadas à produção coletiva de imagens com foco na migração. Tais ações resultaram dos encontros entre a prática artística e a pesquisa do espaço, das relações entre imagem fotográfica e migração e da colaboração com organizações de migrantes na França, como o Collectif Sans Papiers 93 e a associação de mediação social e cultural ARIFA.

Para estabelecer as bases do que consideramos coletivo, partimos do “comum sensível” de Jacques Rancière³ que, ao tratar da partilha do sensível, aponta para a revelação da existência de um comum, ou seja, um plano comum de construção de sentidos, de sujeitos e de caminhos, onde são partilhados os espaços, os tempos e as atividades. Outra referência, direciona-se ao espaço e aos seus possíveis extratos a partir do artigo “Ornamento y Utopía”, no qual o autor posiciona a Instituição-Arte num campo circular em movimento centrífugo, voltada sobre si e cercada pelas tensões do mundo, da Terra, do espaço público e da razão pública⁹. Jorge Luiz Brea traça um percurso da forma institucionalizada da escultura (o monumento) à tendência da arte em abandonar seu centro estabilizado na lógica do monumento, para submeter-se às tensões de um impulso chamado por ele de utópico-crítico, o qual apresenta formalizações do espaço capazes de levar, por sua própria estrutura espacial, a modos de organização social mais livres. Assim, consideramos o espaço coletivo como um espaço existencial definido por um campo de trocas e de objetivos partilhados, onde estão implicados o espaço público e o espaço íntimo (privado). É um espaço de diversidade, línguas, biotipos, idades e culturas unidos pelo movimento. O espaço coletivo migrante implica também o íntimo, lida com a (in)visibilidade dos corpos, suas histórias de vida e sua busca por rearranjar o mundo frente aos vazios causados pelo rasgo da migração. Esse espaço está também ligado ao território como o espaço social agido, retido, produzido com intenção de domínio¹⁰ é a estrutura a ser rasgada.

4 Doutorado sanduíche realizado através do Laboratoire d'Éthique Médicale et Médecine Legale da Universidade Paris 5, França, entre 2017 e 2018.

A noção de rasgo aqui aplicada é uma abordagem inédita do termo no campo das artes, resultante de pesquisa empírica levada a cabo por mais de dez anos no segmento das artes do espaço e que encontra reverberação teórica em autores como Anne Cauquelin, Gilles Deleuze, Maria Beatriz de Medeiros e Michel Serres. O termo, contextualizado em linhas gerais, diz respeito a uma ação capaz de gerar espaços, de criá-los a partir de um movimento. No ato de rasgar, há uma intenção e um movimento que rompem com a superfície das coisas, atravessando-as, criando espaços. Se há uma determinação do corpo em função do ambiente, notadamente construído, há a ação deste para produzir seu espaço e ampliar territórios. Rasgar é impingir forças contraditórias ou fricções intencionais e frequentes sobre as coisas, o rasgo é o resultado direto desse movimento. Rasgar altera, mas não destrói, já que seria impraticável na totalidade das prisões. Não é corte, esgarça as fibras, pode dilacerar caixas, fragilizar e violentar. Rasgar é ação tátil, de contato, é audaz, certo, seu tempo indefinível apesar de exato, é prática do lugar. Rasgar sem dilacerar é, também, engendrar confusão na superfície lisa das coisas, vazá-la. É não depender das linhas da trama, dos caminhos da rede, é desligar do contínuo. Rasgar, como gesto espacial de separação, produz a condição para que se dê a sensação, o respiro, o conhecimento qualquer, ou outra coisa que careça de espaço para existir.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar, que envolve pesquisa artística e pesquisa-ação no campo da saúde coletiva. Do ponto de vista artístico, sua principal inspiração metodológica relaciona-se à obra de Flávio de Carvalho¹¹ (1931); no que concerne à pesquisa-ação, é norteadada pelos referenciais de Thiollent¹². Foram adotados como instrumentos de pesquisa: produção plástica, visual e textual; entrevista semiestruturada; observação participante; diário de campo; análise de imagens e análise documental.

Os espaços de atuação com população migrante configuraram três contextos específicos com diferentes práticas coletivas, são eles: Collectif du Livre Noir 93, ARIFA e Secours Catholique.

O Collectif du Livre Noir 93 é um coletivo de doze organizações⁵ contra a discriminação e os projetos de lei que reduzem os direitos de migrantes. A produção imagética com o Collectif du Livre Noir 93 respondeu à sua especificidade enquanto coletivo, emergindo de seus próprios processos de produção (manifestações públicas, manifestos, reuniões e debates presenciais e por correio eletrônico) somados aos procedimentos técnicos implementados por esta pesquisa (registro e edição fotográfica e videográfica, editoração e criação de gráfica, entrevistas semiestruturadas).

A ARIFA é uma associação dedicada à mediação sociocultural, onde atuam as mediadoras

5 ASTI, Collectif de soutien aux sans-papiers de Livry-Gargan, Collectif unitaire de Saint-Denis, Coordination 93 de lutte des Sans-Papiers, La Cimade, Ligue des droits de l'Homme, MRAP, Réseau Education Sans Frontières, Réseau Université Sans Frontières Paris 8, Secours Catholique, Union Départementale CGT, Union Départementale Solidaires.

socioculturais, em sua maioria mulheres migrantes, que desenvolvem atividades junto à população migrante de duas comunas da Grande Paris (Clichy-sous-Bois e Montfermeil). As oficinas PVP de direitos humanos e fotografia foram realizadas com 11 mediadoras socioculturais da associação, onde foi aplicada a metodologia de análise de imagem², cujas atividades perfazem as seguintes fases: percorrer o mundo (identificação de percursos migratórios); mostrar uma imagem (sensação estética); escolher uma foto (sensação estética); expressão (registro de significado/razão sensível); compartilhar a expressão (debate/significados); falar sobre direitos humanos (debate/significados); propor ações (mostrar/registrar).

Secours Catholique (Délégation des Hauts-de-Seine) é uma instituição que presta serviços à população migrante. Nessa instituição também foram realizadas as Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia, com a aplicação da metodologia de análise de imagem², entretanto, o número restrito de participantes (dois) impediu o desenvolvimento pleno da metodologia, porém, todas as etapas foram realizadas.

As imagens que serão apresentadas a seguir são um recorte do conjunto da produção do período, relacionada ao PVPM. Nos casos da ARIFA e do Secours Catholique, as imagens dizem respeito à produção final dos coletivos no contexto das oficinas PVP de direitos humanos e fotografia. No que concerne ao Collectif du Livre Noir 93, como apontado anteriormente, tais imagens vinculam-se ao próprio movimento do coletivo.

É importante frisar que essa metodologia prevê e incentiva desdobramentos que extrapolam as ações básicas das oficinas, sem definir expressamente seus contornos para afirmar a vontade coletiva.

O RASGO COLETIVO E O MOVIMENTO MUNDIAL DE MIGRAÇÃO

O impulso inicial de expressão do rasgo coletivo, para esta pesquisa, está no atravessamento de fronteiras físicas com vistas à ampliação dos territórios existenciais, ou seja, o movimento mundial de migração. Esse movimento humano mundial foi foco do trabalho de Tania Bruguera, *Immigrant Movement International* (2011-2014)¹³. O projeto iniciado pela artista durou 3 anos e funcionava como um espaço comunitário na cidade de Nova York, onde arte e educação eram usadas para o empoderamento pessoal e político de imigrantes, notadamente da América Latina. Esse espaço foi concebido como lugar de encontro, de convívio artístico e cultural e também como um produto em processo. A artista declara ser uma pesquisadora e que a prática artística não é só um trabalho, mas uma responsabilidade social com vistas a mudanças. Seu trabalho não é criar objetos ou espaços por eles mesmos e sim criar experiências que vinculam a história do lugar e da cultura ao momento político, essas experiências são consideradas pela artista como intervenções no tecido social. O *Immigrant Movement International* é uma das expressões, no campo artístico, do movimento

mundial de migração, a artista parte de uma perspectiva transterritorial⁶ para criar um contexto de atuação vinculado a um espaço físico que serve como ponto de encontro, espaço de expressão e estudo entre migrantes, um processo que envolve a comunidade. Para ela, esse processo é gerado através de muitas contradições. Esses pressupostos concernem ao que ela chama de arte útil¹³.

Ao considerar a abordagem de Tania Bruguera, podemos dizer que as idiossincrasias do movimento mundial de migração levam a ações artísticas específicas em vista das relações de poder. O movimento migrante na França se estabelece como um poder político, tem o apoio de várias instituições tradicionalmente envolvidas com a defesa dos direitos humanos e conta com suas próprias organizações dirigidas por pessoas migrantes. Vive-se urgências cotidianas, como despejos, retenções, exigências da máquina burocrática francesa. Manifestações, encontros, marchas e ações culturais também integram esse complexo de pessoas vindas de todos os lados mundo, falando as mais diferentes línguas. Essas ações são a resposta necessária e possível a um contexto opressor. Uma outra resposta crítica aos espaços de poder preestabelecidos é o relativo fechamento desse movimento migrante aos pesquisadores, segundo eles, isso ocorre devido ao considerável número desses profissionais que se valem do contato com os movimentos apenas para benefício de suas carreiras.

A EXPRESSÃO DO RASGO COLETIVO E A IMAGEM DA MIGRAÇÃO

Se o coletivo se concentra nos deslocamentos entre o público e o íntimo, podemos dizer que as imagens pessoais produzidas no PVPM compõem um retrato multifacetado do que se entende como público. Isso porque, por um lado, são automaticamente imagens da migração, entendidas enquanto fenômeno mundial, cujo impulso partilhado é o de atravessar fronteiras para a melhoria das condições de vida; por outro, esse fluxo não é necessariamente ordenado, o que torna possível e necessário estabelecer novos campos de trocas, espaços de partilha para a constituição de vínculos e identificação de outros objetivos comuns. O PVPM, em seu desdobramento relacional, atua no sentido deste último exemplo, ao evidenciar e instaurar vínculos criativos com a intenção de impulsionar movimentos emancipatórios.

Esse movimento se apresenta enquanto autoimagem coletiva resultante dos encontros entre a prática artística e a pesquisa do espaço, as relações entre imagem, fotografia e migração no PVP, bem como organizações de migrantes na França (Collectif du Livre Noir 93, ARIFA, Secours Catholique). O envolvimento desses coletivos em ações, com as tomadas de espaço, marchas, produção cartazes, textos, livros documentais, de poesia, de desenhos e fotografias, teatro, canções etc., facilitou o encontro de um ponto comum, que simultaneamente incentivasse a produção de imagens e a documentação dos processos coletivos.

O comentário das imagens de cada coletivo apresenta um tratamento específico a depender das

6 A transterritorialidade ou a transnacionalidade remete-se às fronteiras nacionais e territoriais que delimitam o espaço e gerem o senso de transitoriedade entre dois lugares.

relações estabelecidas durante os processos. Pretende-se valorizar os contextos e as sutilezas das relações estabelecidas.

Collectif du Livre Noir 93: um coletivo de coletivos

O *Collectif du Livre Noir 93* é um coletivo de organizações contra a discriminação e projetos de lei que reduzem os direitos de migrantes, com o qual esta pesquisa colaborou na captação de imagens, produção de um cartaz e de um documentário. Esses trabalhos foram realizados em parceria com Marguerite Rollinde⁷ da *Coordination 93 de lutte des Sans-Papiers*. O movimento tem um histórico de ocupação de instituições públicas e marchas que cruzam o país com vistas à conservação de direitos adquiridos e à conquista de outros. Para os participantes do coletivo, esse período tem sido o pior em termos de diálogo com o Estado.

Para a composição das peças gráfica e videográfica, utilizamos a síntese escrita dos debates, da história do movimento, das imagens e áudios captados no evento *États Généraux des Migrations*, realizado pelo Collectif du Livre Noir 93 em Bobigny (França, 2018). A seleção do conteúdo que compõe os seis minutos de vídeo e o cartaz foi resultado de vários encontros com Marguerite Rollinde para debater as formas de representação do coletivo. O uso de frases de impacto e de fotografias de manifestações é característico na produção gráfica do coletivo, que também tem experiências com teatro, poesia e publicação.

Figura 1. Cartaz da primeira sessão nacional dos *États Généraux des Migrations*, Montreuil, França. Projeto Vidas Paralelas Migrantes, 2018



Fonte: Produzido pela autora em colaboração com o Collectif du Livre Noir 93

⁷ Membro da Coordination 93 de lutte pour les sans-papiers; pesquisadora de gênero e migração.

O cartaz e o vídeo sintetizam ideias a partir do evento *États Généraux des Migrations*, parte de um processo que envolve centenas de coletivos e associações locais, nacionais e internacionais que agem a favor de pessoas migrantes. Entre ações desenvolvidas estão organizar manifestações públicas para denunciar as políticas atuais e agir a fim de obter uma mudança radical na política de migração. Ambos, vídeo e cartaz, foram apresentados nos dias 26 e 27 de maio na primeira sessão nacional dos *États Généraux des Migrations* em Montreuil, representando o departamento Seine-Saint-Denis.

No cartaz⁸, a última frase em vermelho “políticas migratórias matam” (“*politiques migratoires tuent*”), trazia originalmente o texto “o racismo de Estado mata” (“*le racisme d’État tue*”). Por divergências no coletivo, a frase foi alterada. A foto utilizada no cartaz é de uma manifestação do coletivo que denuncia as dificuldades de acesso ao direito de permanecer na França frente ao crescente uso de plataformas on-line para os procedimentos de acolha de migrantes, o que dificulta o acesso de muitos deles. O cartaz propõe um movimento contra a retenção e o isolamento.

Figura 2. Exibição do vídeo *État Généraux des Migration – Collectif du Livre Noir 93*, colorido, áudio, 6 min. Primeira sessão nacional dos *États Généraux des Migrations*, Montreuil, França, Projeto Vidas Paralelas Migrantes, 2018



Fonte: Produzido pela autora em colaboração com o Coletivo du Livre Noir

No vídeo, as pessoas que não querem se identificar tem a sua imagem substituída por uma tela preta, onde surgem palavras ou frases de suas falas. Alguns relatos dão conta, por exemplo, da situação dos menores isolados, jovens que vivem sozinhos em território francês, que vão à escola e que dormem nas ruas. O vídeo revela a realidade dos corpos rasgados pela fronteira, mesmo que

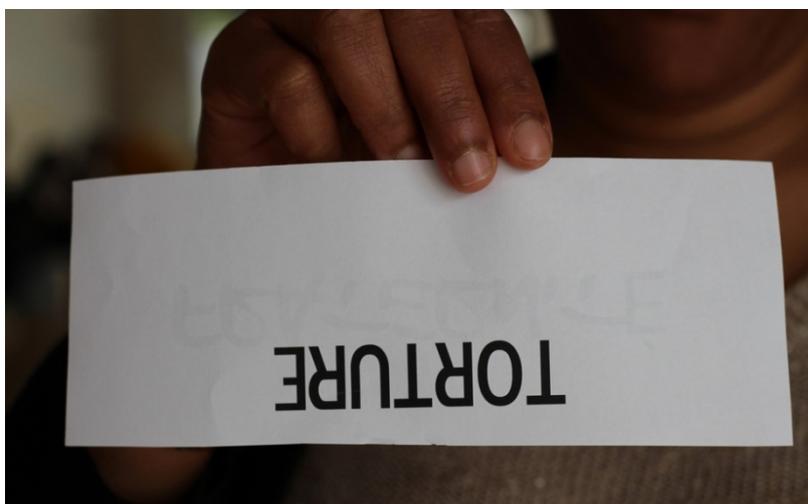
⁸ Livre tradução do conteúdo escrito do cartaz: 93 EGM – estados gerais das migrações / Auto às disfunções da polícia / Polícia fora da lei / Qual é a política desejável na acolha de migrantes? / Ao delito de solidariedade opomos o dever de solidariedade / Não aos acordos de Dublin / Contra a retenção de menores / Recusamos a triagem entre migrantes / Projeto de lei Macron um texto perigoso, liberticida / Sim à liberdade de circulação e de instalação / Sim à acolha e à proteção de menores isolados / Sim ao fechamento dos centros de retenção / Desmaterialização de entrevistas – prática injusta e discriminatória contra a igualdade de direitos / Políticas migratórias matam.

neles não existam marcas físicas dessa passagem. São como os feridos de guerra, cujas cicatrizes não permitem sua aparição no espaço público.

A associação sociocultural ARIFA – l'Atelier des Oiseaux

A exposição *L'Atelier des Oiseaux* foi composta por fotografias, uma animação, peças plásticas, áudio e textos, produzidas entre outubro de 2017 e setembro de 2018 na França durante as Oficinas de Direitos Humanos e Fotografia do PVPM na Association ARIFA. O conteúdo da exposição versa sobre o cotidiano de vida e trabalho das mediadoras socioculturais que desenvolvem atividades junto à população migrante de duas comunas da Grande Paris (Clichy-sous-Bois e Montfermeil). Unidas pela reflexão e produção de imagens fotográficas, essas mulheres, que em sua maioria deixou seu país de origem em busca de melhores condições de vida, partilham suas histórias, apresentam seu *métier* e expõem seus problemas. Essa exposição foi apropriada por elas como forma de levar a público as dificuldades e a beleza de um cotidiano dedicado à construção do bem-estar coletivo.

Figura 3. Fotografia. *Torture*, registro de atividade coletiva de organização da Exposição *L'Atelier des Oiseaux*, realizada em colaboração com as mediadoras socioculturais da Associação ARIFA, Projeto Vidas Paralelas Migrantes, 2018



Fonte: Foto da autora

A precariedade das condições de vida acompanha a riqueza cultural e a capacidade de mudança de um grupo de mulheres, em sua maioria migrantes, que se dedicam a auxiliar outros migrantes na vida cotidiana francesa através da mediação cultural. Suas histórias de vida revelam os sonhos antes da partida de seus países de origem e a dura realidade enfrentada na chegada, a exploração no trabalho e dentro da própria família, a cobrança de si mesmas em relação àqueles que ficam, os preconceitos de todo tipo. Suas declarações revelam os limites do seu cotidiano: “*a gente é precária e recebemos gente precária*”; “*a gente lida com a miséria dos outros todos os dias*”; “*às*

vezes a gente racha às vezes a gente suporta”; “a gente entra em casa desmoralizada, a gente está cansada”; “a gente sabe como dividir as coisas, como fazer um jogo de paredes entre nós e os quadros difíceis”; “mais é preciso ficar neutra, ir para fora, a gente não tem o direito de mostrar nossas emoções, mostrar que você está com vontade de chorar, que você está triste (...) é preciso restar neutra, é isso que é o mais difícil. Você guarda isso em você e não é evidente.”; “a gente se identifica com essa pessoa, obrigatoriamente porque a gente é migrante”; “em um saco há muitos sacos que vem conosco, então é preciso saber como esvaziar esse saco, a gente não pode levar consigo, a gente não pode ser hipócrita, mas a gente, é mesmo assim, humanos”⁹.

A identificação desse pesar coletivo contrasta com a presença dos pássaros no cotidiano das oficinas com elas realizadas. Eles estiveram presentes na canção lembrada no primeiro dia de trabalho, no pequeno objeto voador criado noutro dia, na foto de uma delas (onde os pássaros estão transfigurados em criança), no poema criado por uma delas sobre sobrevoar fronteiras, na risada divertida ou ainda foi usado para explicar qualquer coisa impossível de se dizer. Os pássaros serviram de sutura e cola para a realidade despedaçada dessas mulheres. No fim das oficinas, cada uma delas desenhou um pássaro que compõe o livro e a exposição que contam essa história de rasgos profundos e delicadas suturas, tentando colocar em continuidade um processo de mudança coletiva, propondo tornar pública uma frágil relação entre precariedade e riqueza, mas também servir para novas experiências e compartilhamentos.

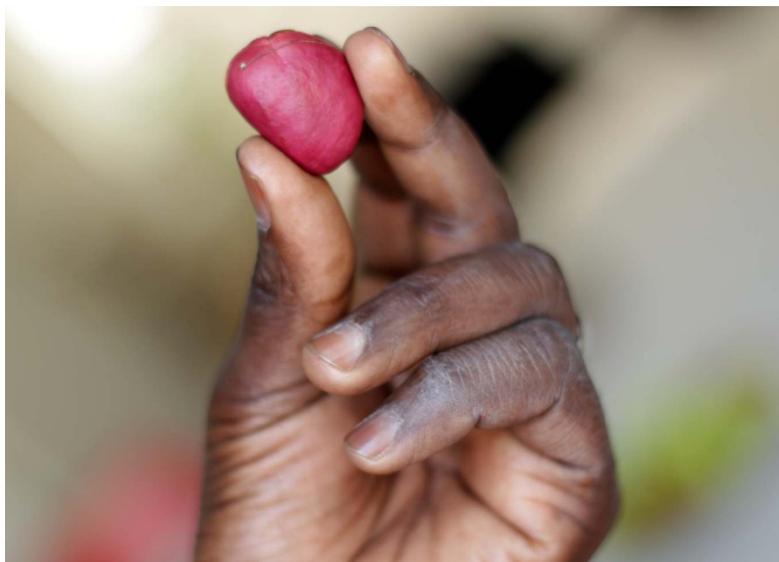
Figura 4. Cartão postal convite da Exposição *L'Atelier des Oiseaux*, realizado em colaboração com as mediadoras sócio culturais da Associação ARIFA



⁹ “on est précaire et on reçoit des gens précaires”; «on reçoit beaucoup de misère des autres et on assume tout ça tout le jour»; «des fois on craque sur et de fois on supporte»; «on rentre à la maison, démoralisé, on est fatigué»; «on sait comment faire la part de choses, comment faire un jeu de mur entre nous et les cadres difficiles»; “mais il faut rester neutre, aller à l’extérieur, on n’a pas le droit de montrer ses émotions, montrer que vous avez envie de pleurer, que vous êtes triste (...) il faut rester neutre, c’est ça le plus difficile. Tu gardes ça en toi et ce n’est pas évident.”; «On s’identifier avec cette personne, obligée parce qu’on est des immigrés»; “dans le sac il y a plein de sacs qui viennent avec nous, donc il faut savoir comment vider ce sac-là, on ne peut pas ramener ça chez toi, on ne peut pas faire l’hypocrisie, mais on est quand même des humains.”

1. Secours Catholique – L'amitié

Figura 5. Página do livro *La Recette de Koume* (no prelo), realizado em colaboração com o *Secours Catholique*, França, Projeto Vidas Paralelas Migrantes, 2018



Fonte: Foto da autora

Numa tarde quente do verão parisiense, ele prepara uma refeição para partilhar conosco. Muitos migrantes trabalham nos restaurantes franceses, basicamente cuidam da limpeza desses ambientes, mas naquele dia ele também preparou os alimentos e serviu os pratos cuidadosamente.

Momentos antes, havíamos saído às compras. Escolhemos a banana, a cebola, a carne, a salada, na hora de pagar havia no balcão um pote transparente com várias sementes, esverdeadas e róseas. Levamos uma delas conosco.

Enquanto comíamos a refeição por ele preparada, falamos da tal semente, logo alguns dos que estavam à mesa abriram sorrisos contagiantes e falaram entusiasmados das qualidades da semente, de sua importância social, de seus usos, de seu poder afrodisíaco, de seus simbolismos e das formas de partilha. Tratava-se da noz-de-cola, consumida e adorada em grande parte da África e usada originalmente em refrigerantes antes de ser substituída por aromatizantes artificiais. Dividimos a bela noz em duas partes que foram novamente divididas até que todos os que estavam lá tivessem provado do seu sabor levemente amargo. A partilha da noz-de-cola selou nosso último encontro com o simbolismo da amizade.

Produzimos um livro a partir das imagens captadas nesse dia, elas evidenciam os alimentos e as mãos em ação, essa abordagem foi uma escolha coletiva, motivada, entre outros aspectos, pela associação feita entre algumas fotografias e a bruxaria, principalmente em relação ao recorte do corpo pelo enquadramento fotográfico. Um questionamento sobre a fotografia que revela um pouco das diferenças culturais recorrentes nesse contexto. A fotografia entendida como bruxaria para o

controle dos corpos.

Esse livro ao mesmo tempo que é sutura anuncia outros rasgos.

CONCLUSÃO

Ao articularmos as práticas coletivas desenvolvidas no PVPM e a pesquisa em arte, encontramos uma possibilidade de atravessamento entre duas áreas do conhecimento que *a priori* poderíamos supor distantes. Essa parceria entre saúde e arte proporcionou momentos de ruptura com formas restritivas de relações coletivas, em especial no que se refere às formas pelas quais esses coletivos são representados.

As três diferentes formas de representação coletiva que abordamos evidenciam a diversidade identitária do chamado migrante na França, testemunham contra a homogeneização que pauta os meios massivos de produção e distribuição de imagem. Elas nos apresentam um autorretrato coletivo cujo único compromisso é o de se fazer ver e escutar, mesmo que por entre as sombras ou recortes fotográficos. São simultaneamente rasgo e sutura. Se, por um lado, rasga-se os sistemas endurecidos, por outro, abrem-se caminhos para o estabelecimento de laços entre as pessoas, laços que funcionam como a sutura necessária aos rasgos causados pela migração. É preciso simultaneamente refazer o corpo e reinventar o ser. Os espaços de partilha proporcionados pelo PVPM, constituídos ou não através da metodologia de análise da imagem, promovem essa sutura das relações sociais perdidas e, com isso, impulsionam novas investidas frente aos limites. A potencial reconstrução da autoimagem, pessoal e coletiva, é um rasgo nas formas institucionalizadas de representação do migrante.

1. REFERÊNCIAS

1. Hoefel M, Severo O. Projeto Vidas Paralelas Migrantes: Perspectivas Brasil-França. Candidatura 2015. CAPES-COFECUB, 2015. UnB; UERJ; Université Paris Descartes; Université Paul Valéry; 2015.
2. Hoefel M, Severo O, Garcia Y, Gazui J. Projeto Vidas Paralelas no Brasil e França: imagens, olhares e saberes a partir da ótica dos trabalhadores. In: Alves WF, Machado MM, organizadores. Trabalho & saber: questões e proposições na interface entre formação e trabalho. Campinas, SP: Mercado de Letras; 2016. p. 255-93.
3. Rancière J. Le partage du sensible: esthétique et politique. Paris: La Fabrique éditions; 2012.
4. Medeiros M. Aisthesis: estética, educação e comunidades. Chapecó: Argos; 2005.

5. Guattari F. As três ecologias. Campinas, SP: Papyrus; 1990.
6. Dufourmantelle A. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta; 2003.
7. Medeiros M. Bernard Stiegler: reflexões (não) contemporâneas. Chapecó: Argos; 2007.
8. Gomes da Silva JD. Projet vies parallèles en france du trauma vécu au droit d'asile: la place des certificats e des evaluations médico-psychologiques dans l'accueil des personnes en situation de demande d'asile. Mémoire de Master II présenté à l'Université Paris Descartes; 2017.
9. Brea JL. Ornamento y utopia - Evoluciones de la escultura en los años 80 y 90. Arte, proyectos y ideas. Universidad Politécnica de Valencia. 1996;4(4).
10. Heindrich ÁL. Esquema para dialogar com descartógrafos. In: Washington C, Araújo L, Goto N, organizadores. Recartógrafos Curitiba, PR: Edição do autor, 2010.
11. Carvalho F. Experiência n. 2: realizada sobre uma procissão de Corpus-Christi: uma possível teoria e uma experiência. Rio de Janeiro: Nau; 2001.
12. Thiollent M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez; 1986.
13. Bruguera T. IMI. Corona, Queens, New York. Episode #223: This ART21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9puLh5MCIqk>

Artigo apresentado em junho de 2020

Artigo aprovado em agosto de 2020

Artigo publicado em maio de 2021